

# Introdução

## Estudos ibéricos e periferias: contributos para um debate

Cristina Martínez Tejero

Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas, Portugal

Santiago Pérez Isasi

Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas, Portugal

**Resumo** 1 Origem e motivações. – 2 Os estudos ibéricos em questão. – 3 O presente volume.

### 1 Origem e motivações

O presente volume é resultado de um colóquio internacional que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa entre os dias 8 e 9 de março de 2018 e que teve por título *Os estudos ibéricos a partir da periferia. Desafios epistemológicos e novos olhares nos estudos galegos, bascos e catalães*.<sup>1</sup> Com esta iniciativa pretendíamos reunir duas linhas de trabalho aparentemente distantes e, segundo algumas vozes, até contraditórias entre si: por um lado, os estudos ibéricos e, por outro, os campos de análise dedicados aos casos catalão, basco e galego. A nossa intenção era tanto repensar o enquadramento – factual, potencial, desejável(?) – destas realidades ‘periféricas’ dentro do referente epistemológico e disciplinar dos estudos ibéricos, quanto refletir coletivamente sobre os desafios analíticos

---

<sup>1</sup> Uma segunda publicação derivada parcialmente deste evento pode ser encontrada no volume «Confluencias e interferencias literarias y culturales en el espacio ibérico» incluído no número 8 da revista *Tintas. Quaderni di Letterature iberiche e iberoamericane* correspondente a 2019 (<https://riviste.unimi.it/index.php/tintas>, 2019-03-21).

e os processos de renovação metodológica ativados (ou não) nos estudos bascos, galegos e catalães. Tudo isto sem deixar de lado ou de problematizar em que medida se produz uma (des)sintonia entre estas duas tendências, isto é, se os estudos ibéricos, especialmente as suas concretizações analíticas, vêm de forma efetiva representar um espaço de trabalho que desafia lógicas prévias e se este se constitui como dotado de utilidade - em diferentes planos - para os referidos três campos específicos de estudo. Com este quadro global, que assumimos em todo o momento como vasto e complexo, procurávamos, portanto, pensar a atualidade e pertinência do campo académico configurado internacionalmente em torno da Península Ibérica, e conhecido como estudos ibéricos, bem como rever o estado das áreas de trabalho sobre os casos galego, catalão e basco.<sup>2</sup>

O desenvolvimento do colóquio esteve marcado por dois factos que tiveram uma influência importante nas intervenções e cujos ecos estão também presentes nas páginas desta obra. O primeiro deles tem a ver com a janela de oportunidades e as incertezas abertas pelo referendo sobre a constituição de uma República catalã que decorreu a 1 de outubro de 2017 e a posterior declaração de independência, assim como a onda repressiva ativada pelo governo espanhol e a emergência de novos discursos e estratégias centralistas e (ultra)nacionalistas. Em segundo lugar, e coincidindo cronologicamente com o encontro, no dia 8 de março de 2018 teve lugar uma histórica greve feminista no Estado espanhol que evidenciou os avanços e a fortaleza de um movimento que tem também o seu correlato científico.

## 2 Os estudos ibéricos em questão

Torna-se necessário começar com uma advertência: o facto de colocarmos no título deste volume e de darmos uma centralidade destacada nestas argumentações aos 'estudos ibéricos' não deve ser entendido como uma assunção deste rótulo como referente único (ideal ou factual) de análise. Pelo contrário, a nossa vontade é adotar todas as aceções derivadas da noção de 'crítica', principalmente numa dupla orientação que acaba por fundir-se num objetivo comum: rever

---

**2** Em todo o momento estivemos cientes dos perigos e desafios de fechar nestas três unidades as 'periferias' existentes na Península Ibérica e que são muito mais amplas e diversas. Assumimos as limitações desta proposta que julgamos como uma primeira etapa de uma linha de trabalho mais extensa e que só poderá ser percorrida de forma plena com novos encontros e publicações científicas que atendam, por exemplo, outras marginalidades - e as suas consequentes transversalidades - de natureza territorial, cultural, linguística, de género, de raça ou etnia, de orientação sexual, de diversidade funcional, de classe e, inclusive, na área de atuação que nos ocupa, de formatos de produção cultural, de distribuição ou de agencialidades.

os instrumentos teórico-metodológicos ativados neste campo e colocar questionamentos sobre esta área de trabalho.

O conceito dos estudos ibéricos apresenta um caráter polissêmico e poligénico (Pérez Isasi 2019), pelo que se afigura pertinente explorar a sua genealogia para compreender algumas das suas dinâmicas atuais. Assim, o desenvolvimento teórico fundamental e pioneiro do campo deve-se a Joan Ramon Resina (2009), académico vinculado à Stanford University, para quem os estudos ibéricos pretendem ser uma alternativa epistemológica, e também política, ao centralismo imperialista do hispanismo nos Estados Unidos. Nesta primeira configuração, os estudos ibéricos tinham como objeto primordial o estudo das literaturas e culturas do Estado espanhol, com uma atenção muito secundária a Portugal. Deste modo, os estudos ibéricos foram formulados como um modelo de abertura, com a superação do determinante filológico (nas suas dimensões disciplinares e linguísticas), a aproximação aos estudos culturais ou a introdução de uma pluralidade de referentes nacionais – linguísticos, para Resina – de análise. Por outro lado, no contexto académico britânico, a Association for Contemporary Iberian Studies (da qual depende a *International Journal of Iberian Studies*), fundada na década de setenta do passado século com o significativo nome inicial de *Iberian Social Studies Association*, pretendia ser também uma alternativa abrangente, surgida no contexto das universidades politécnicas, às metodologias e interesses do modelo de hispanismo dominante nas instituições de ensino superior mais antigas e consolidadas.

Paralelamente, e sobretudo desde o início do século XXI, começaram a desenvolver-se na Península Ibérica (frequentemente adotando a forma de colaborações entre instituições espanholas e portuguesas) atividades, encontros e publicações que estudavam as relações entre a área cultural castelhana (com muito menor atenção às restantes culturas do Estado espanhol) e a portuguesa. Apesar de estes trabalhos terem, em muitos casos, um marcado caráter historiográfico (ou historicista), partilham em grande medida os mesmos referentes teórico-metodológicos, principalmente a teoria do processo interliterário de Dionýz Ďurišin e a teoria dos (poli-)sistemas de Itamar Even-Zohar. Não obstante, a aplicação destas propostas metodológico-críticas não é realizada sempre com o mesmo nível de desenvolvimento nem de coerência.

A partir destas diversas origens e interesses, os estudos ibéricos têm vindo a ganhar uma moderada visibilidade nos discursos académicos em ambos os lados do Atlântico, sem chegar nunca, nem em nenhum âmbito, a ganhar uma posição dominante ou hegemónica. Embora existam centros, departamentos e grupos de investigação dedicados aos estudos ibéricos, estes não parecem ter alcançado o seu objetivo de situar-se como uma alternativa às disciplinas tradicionais (principalmente, o hispanismo). O seu contributo essencial pode, as-

sim, encontrar-se num conjunto relativamente alargado de investigações que têm servido para recuperar, de forma parcial mas com um crescente grau de complexidade, fenómenos e objetos transnacionais que fugiam ou não interessavam aos estudos literários de fundamentação nacional. No entanto, são vários os ‘fantasmas’ que a ideia dos estudos ibéricos convocam; destaca-se sobretudo o peso da Espanha como estado-nação hegemónico na Península e as heranças e traumas que o ‘projeto hispânico’ – nas suas diferentes temporalidades e concretizações – provoca nas restantes entidades nacionais que partilham esta delimitação geográfica.<sup>3</sup> As consequências na construção de periferias são evidentes ainda hoje, quando deparamos com uma escala de hierarquias impossível de ignorar: em primeiro lugar, pela condição preponderante e a autoridade máxima do Estado espanhol sobre a Galiza, o País Basco e a Catalunha, e da cultura central (espanhola-castelhana) em relação às restantes; por outro lado, pela situação subsidiária de Portugal em termos históricos, económicos, de projeção internacional ou até geográficos dentro do espaço ibérico.

As principais limitações dos estudos ibéricos têm sido assinaladas em diversos trabalhos e comparecem em várias passagens deste volume. Destacam-se, entre outras: a desigualdade no tratamento das diferentes entidades peninsulares, com o maior protagonismo dos dois estados e uma relação desigual entre as categorias de nível ‘inferior’, principalmente o caso basco;<sup>4</sup> a falta de incorporação de correntes críticas atuais e plenamente ativas e legitimadas no campo científico internacional, como os estudos de género; ou as dificuldades para tratar fenómenos que excedem a delimitação peninsular em várias orientações – numa dimensão geográfica (realidades insulares e extra-peninsulares), os fenómenos diaspóricos, as práticas coloniais e neo-coloniais, etc.

O último dos aspetos referidos introduz precisamente a questão do objeto dos estudos ibéricos, o que se torna chave para pensarmos este campo científico. Poderíamos dizer que existe algum consenso em

---

**3** Tal como indica Arturo Casas num trecho do seu capítulo neste volume, o próprio conceito geográfico da Península Ibérica, muitas vezes – também aqui – apresentado como categoria ‘neutral’ de delimitação, incorpora projeções político-administrativas, concretamente dos estados espanhol e francês, e não responde plenamente, em termos físicos, à definição real de ‘península’ cujo limite estaria localizado mais a norte do que habitualmente percebemos e imaginamos.

**4** Apesar da distância linguística que tem condicionado as análises sobre o caso basco, deve ser também considerada a posição subordinada que a Galiza representa no esquema ibérico ao não alcançar um grau de consolidação do projeto político nacional (e o seu correspondente reconhecimento externo) equiparável aos casos de Catalunha e Euskadi, o que faz com que, em muitas ocasiões, desapareça das argumentações sobre a diversidade do Estado espanhol em favor destas realidades. Além disso, os estudos ibéricos foram na sua origem formulados a partir do caso catalão, com a figura principal de Resina, o que situa este contexto como objeto de análise preferencial dentro deste quadro de trabalho.

situar os fenómenos do âmbito da Península Ibérica como o destino preferencial da atenção crítica neste esquema; porém, não fica clara qual é a demarcação do 'ibérico', isto é, quais são os seus limites mínimos e máximos. A tradição de pesquisa sugere que são tratadas neste campo as literaturas e culturas ibéricas no plural, na medida em que superem um único referente nacional (ou, em termos analíticos, abranjam mais de um sistema literário ou cultural). São, assim, constituídas várias linhas de trabalho que poderíamos sintetizar em três eixos principais: a) abordagens completas sobre a Península, sobre fenómenos que lhe são 'próprios' ou sobre processos e práticas que, sem ser exclusivos, decorrem também neste espaço; b) focagens comparatistas entre produtos ou fenómenos literários e culturais associados a vários dos sistemas ibéricos; c) análise dos processos de contacto e troca na península (com o caso sintomático das traduções mas com ênfase também nos relacionamentos entre agentes).

Há em todas as enunciações iniciais para a fixação de um campo de estudo um excesso de otimismo que leva, por motivos lógicos, a incidir nas suas virtudes e a desprezar os seus riscos. Nestas circunstâncias é também comum a vontade de legitimação e consolidação, que conduz a tornar própria uma tradição de trabalhos que originariamente não se situavam dentro deste rótulo (o que não é necessariamente uma impostura).<sup>5</sup> No que diz respeito aos estudos ibéricos, acrescenta-se ainda outra tendência: a distância entre uma vanguarda teórica onde ecoam as correntes metodológicas mais inovadoras do campo científico internacional e uma grande quantidade de estudos de caso que continuam a aplicar um paradigma historicista clássico.

Por ser um campo emergente e instável no seu equacionamento, será oportuna para a sua fixação e desenvolvimento uma análise profunda da sua configuração e dimensões que dê resposta a questões prementes sobre a realidade académica por trás do rótulo dos 'estudos ibéricos'. Propomos, assim, um mapeamento que permita uma visão clara da atualidade desta área de trabalho e que passa pela identificação da sua estrutura institucional, agentes, objetos e

---

**5** Um caso significativo é o dos dois volumes de *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula* (Cabo Aseguinolaza, Abuín González, Domínguez 2010; Domínguez, Abuín González, Sapega 2016), considerados obras fundamentais dentro da área dos estudos ibéricos. No entanto, no primeiro tomo não há qualquer menção ao rótulo dos 'estudos ibéricos' e no segundo a sua presença é unicamente constatável no capítulo assinado por Abuín González (que funciona como introdução à secção IV centrada nos estudos culturais) e, de forma mais evidente, nos epílogos. Nestes últimos há um protagonismo especial desta etiqueta nos textos de Resina e Pérez Isasi – ambos os nomes intensamente envolvidos na configuração e sucesso dos estudos ibéricos –, enquanto há referências pontuais e pouco significativas nos capítulos assinados por Frederik Verbeke (a partir da literatura basca), Germán Gullón (literatura espanhola) e Paulo de Medeiros (literatura portuguesa).

períodos privilegiados – consequentemente, também os ignorados –, metodologias empregues e até motivações para adscrever-se a este quadro de análise.<sup>6</sup>

Embora um dos alicerces dos estudos ibéricos tenha sido a sua dimensão comparatista e a procura de confluências dentro das práticas literárias e culturais no espaço peninsular, é preciso, tal como notávamos acima, ter em conta também os riscos associados. Um dos perigos que pode derivar direta ou indiretamente é a ativação – muitas vezes, involuntária – de processos de ontologização, totalização ou essencialização da Península Ibérica. É também pertinente estar consciente das consequências negativas de unificar ou homogeneizar realidades complexas, assim como de desprezar particularidades históricas (especialmente as relativas a entidades ‘periféricas’), sem as quais não seria possível compreender ou apreender plenamente muitos fenómenos. Por outro lado, entre as necessidades está igualmente a de tomar consciência da carga política implícita a um âmbito de trabalho desta natureza. Finalmente, não podem ser esquecidas as relações de desigualdade, as hierarquias e os conflitos que atravessam, de forma nuclear, a realidade ibérica (em dimensões históricas e na atualidade).

Além destas chamadas de atenção que afetam principalmente ao objeto de estudo, é igualmente oportuno pensar nos próprios efeitos para o campo de análise dos estudos ibéricos. A tradição de investigação nas ciências sociais e humanas é nestes momentos suficientemente extensa e prolífica para proporcionar chaves que expliquem tanto o processo de conformação e fixação de uma nova área de estudo quanto a sua ação de estabelecimento de objetos e metodologias. É, neste sentido, necessário incorporar, num primeiro nível, a historicidade da configuração das disciplinas;<sup>7</sup> o seu nascimento e condicionantes, as resistências, a conquista institucional, a sua atuação

---

**6** Uma grande parte desta proposta de estudo pode ser traçada a partir do portal IStReS (<http://istres.letras.ulisboa.pt>, 2019-03-21) mas existem alguns matizes que devem ser levados em consideração. Sugerimos nestas linhas trabalhar explicitamente com as pessoas e os resultados académicos que se vinculem conscientemente ao rótulo de ‘estudos ibéricos’; no caso do IStReS há, pelo contrário, um operação performativa de conformação (e definição) do campo ao associar a este quadro analítico agentes ou estudos segundo a sua temática (mas sem que esta aspiração estivesse necessariamente nas suas formulações originárias). Isto é, torna-se necessário compreender e explicitar a própria ação legitimadora dos estudos ibéricos como área académica realizada por esta plataforma ao contribuir para a construção de uma tradição de investigação (e sem que isto signifique invalidar ou questionar os dados nela compilados).

**7** Muitas das reflexões aqui contidas estão próximas da ideia de reflexividade e do imperativo de perspetivar também a atividade científica (incluindo a configuração académica) dentro da prática investigadora, tal como foram expostas e executadas por diversos analistas das ciências sociais nas últimas décadas, particularmente por Pierre Bourdieu (2001). No capítulo de que é responsável nesta obra, Arturo Casas propõe precisamente aplicar a ideia da reflexividade epistemológica aos estudos ibéricos.

hegemónica, as mudanças adaptativas e também a sua decadência e substituição (admitindo aqui um ciclo completo de uma proposta com sucesso). Grande parte da estrutura da universidade atual provém de reconfigurações a partir de âmbitos disciplinares fixados no século XIX. Torna-se, portanto, pertinente pensar a localização (e as relações) dos estudos ibéricos por referência com outras divisões académicas com algum grau de proximidade, como os próprios estudos galegos, bascos ou catalães, por um lado, os estudos hispânicos, românicos, latino-americanos, portugueses e lusófonos, por outro, e inclusive formulações atuais como as dedicadas ao âmbito europeu ou à literatura-mundo.

Num segundo nível, e particularmente – ainda que não só – a partir da conhecida crise do modelo historiográfico como referente de análise nos estudos literários, surgiram múltiplas aprendizagens que mudaram os métodos e a forma de encarar a prática investigativa nas humanidades atuais. É impossível sintetizar aqui todos estes avanços sem desprezar contributos notáveis, mas atrevemo-nos a referir a viragem cultural, a aproximação às ciências sociais, a incorporação de paradigmas críticos de conhecimento – como os perspetivados a partir do género ou da pós-colonialidade e descolonialidade –, a afirmação das dimensões biopolíticas e afetivas, a viragem espacial ou, mais recentemente, o desenvolvimento das humanidades digitais ou da ecocrítica.

Os estudos ibéricos têm o desafio de incorporar esta ação de reflexividade – ao nível individual e coletivo – sobre o seu estabelecimento e progresso, assim como a necessidade de assimilar e dialogar com grande parte dos avanços teóricos e metodológicos produzidos nos últimos anos. Neste sentido, surge a questão fulcral de se é possível manter neste campo do saber, como seria desejável, um alto grau de alerta epistemológico, tanto na meta-consciência sobre a sua realidade quanto na necessidade de ter em consideração tantas referências metodológico-críticas.

Na raiz do que levamos exposto surgem duas questões relacionadas que queremos colocar como perguntas em aberto para um debate coletivo para o qual este volume pretende contribuir. A primeira delas tem relação com algumas das reflexões introduzidas previamente, nomeadamente os riscos do programa de análise que os estudos ibéricos representam. Neste sentido, podemos perguntar-nos sobre o grau de *aptidão* deste campo científico, isto é, se as potencialidades que abre são oportunas e maiores do que os inconvenientes (explícitos ou latentes). Surgem ainda outras ideias conexas como a de até que ponto fazem sentido hoje, entre as dinâmicas globalizadoras atuais, uns estudos centrados no quadro ibérico (questionamento, aliás, presente nalguns capítulos desta obra). Admitir por válida esta proposta de análise envolve – além dos outros elementos já referidos – desconstruir os discursos justificativos que parecem invo-

car a naturalidade da proposta e anular o facto de estarmos perante uma operação epistemológica; isto implica, entre outras coisas, que se trata de uma construção eleita entre um leque de possibilidades e que, como foi indicado, apresenta dimensões políticas que não é conveniente negligenciar.

A segunda questão, derivada em grande parte da primeira, poderia ser sintetizada mediante a noção de *confiabilidade*. Com esta fórmula pretendemos identificar o grau de confiança depositado nas possibilidades analíticas dos estudos ibéricos como quadro de trabalho. A confiabilidade das autoras e autores participantes neste volume em relação aos estudos ibéricos é altamente variável, com pessoas que admitem este referente e se adscvem a ele, outras que o rejeitam e um número considerável que manifestam dúvidas e/ou sugerem propostas de modificação.<sup>8</sup>

O facto de os estudos ibéricos ser um âmbito analítico em construção e ainda com um grau de institucionalização deficitário (especial e paradoxalmente no Estado espanhol) provoca, em parte, esta falta de estabilidade e o alto grau de questionamento. Não obstante, esta situação precária é simultaneamente um momento idóneo para incentivar o debate e procurar fissuras face a estruturas académicas estagnadas, promovendo a incorporação de perspetivas e metodologias que, conforme o esperado de quadros de análise que se pretendam realmente como inovadores, proporcionem novas luzes e olhares sobre objetos já conhecidos e/ou façam emergir outros até o momento desconsiderados ou ignorados. Acreditamos que os estudos ibéricos serão pertinentes se, como esperamos de outras áreas científicas, contribuírem para proporcionar explicações sobre os fenómenos que são o seu objeto, neste caso, as práticas e relações culturais no espaço ibérico. Neste sentido, julgamos que isto só poderá ser possível se este âmbito de trabalho integrar - sem secundarizar ou subalternizar - os espaços, fenómenos e agencialidades periféricas: as alteridades (assim concebidas a partir de um olhar hegemónico) são portanto a fronteira que marcará a possibilidade ou não dos estudos ibéricos.

### 3 O presente volume

A obra que aqui apresentamos é fruto de múltiplos cruzamentos que pretendem evidenciar a diversidade dos estudos desenvolvidos ou por desenvolver sobre o espaço da Península Ibérica. As diferentes con-

---

<sup>8</sup> As próprias responsáveis pela edição deste volume e assinantes desta introdução situam-se em posições diferentes sobre este assunto a partir do seu percurso investigativo, posicionamentos ideológicos, enquadramento institucional, etc.



cretizações e intensidades de enfoque sobre este referente ou sobre o campo de análise dos estudos ibéricos oferecem uma proposta necessariamente parcial e incompleta, o que não desvirtua as potencialidades analíticas contidas nestas páginas. Reunimos contribuições de investigadoras e investigadores procedentes de localizações e tradições académicas variadas: do campo académico anglófono (Estados Unidos e Austrália), do latino-americano (Argentina), do europeu central (Áustria) ou do propriamente ‘peninsular’ (admitindo dentro deste esquema as ilhas Balears e com presença do âmbito catalão, galego e português).<sup>9</sup> Comparecem várias das línguas românicas do âmbito ibérico mas domina, como é habitual neste tipo de composições, o castelhano como língua de comunicação preferencial. As focagens e ênfases sobre as entidades peninsulares é variado, com propostas sobre a entidade ibérica na sua totalidade, multifocais sobre diferentes sistemas ou outras mais centradas em casos específicos. Domina igualmente a literatura e a própria reflexão epistemológica como objetos preferenciais, mas com abertura para as dinâmicas culturais e, de forma específica, para práticas como o cinema.

Julgamos que, no seu conjunto, os trabalhos reunidos neste volume oferecem chaves relevantes para pensar as análises a desenvolver sobre o espaço ibérico (e os fenómenos derivados) nos próximos tempos. Como é próprio de uma obra destas características, a pluralidade de vozes convocadas oferece um retrato múltiplo, por vezes contraditório entre si (e onde até é possível encontrar algumas respostas cruzadas entre as argumentações oferecidas). A procura de nexos entre os capítulos levou-nos a propor uma divisão em secções que obedecem a critérios pragmáticos mas cujos conteúdos não se limitam a aqueles explicitados nos títulos principais.

O primeiro bloco, dedicado aos «Debates críticos», agrupa os trabalhos das três pessoas que foram responsáveis pelas conferências plenárias no colóquio que está na origem desta publicação. As argumentações e reflexões expostas nestas páginas oferecem um quadro vasto de referentes e ideias para pensar a atualidade e futuros possíveis (ou não) dos estudos ibéricos. Sob a ideia de perguntas fundamentais, Arturo Casas apresenta um capítulo onde reflete em profundidade sobre os fundamentos desta área científica emergente e as suas implicações em termos epistemológicos, académicos e políticos. O professor da Universidade de Santiago de Compostela oferece nestas páginas uma grande quantidade de pontos de debate e interesse sobre os objetos, métodos e agencialidades associadas aos

---

<sup>9</sup> É significativa a ausência de agentes sediados no espaço central do domínio catalão – a reconhecida oficialmente como comunidade autónoma da Catalunha –, o que pode ser lido à luz dos processos políticos e históricos que decorrem na atualidade e que talvez levem a desconsiderar o referente ibérico como quadro ideal de trabalho analítico.

estudos ibéricos entres os quais se destacam três ideias: a reflexividade como fator fundamental a ter em consideração para o desenvolvimento de trabalhos neste âmbito do conhecimento, as suas conexões com a ideia do iberismo (nas suas diferentes vertentes) ou a importância das reflexões sobre a história literária para pensar e orientar este campo de estudo. A docente e investigadora da Universitat de les Illes Balears Mercè Picornell dá continuidade a estes raciocínios com um capítulo onde reflete sobre as distintas conceções associadas ao significante dos 'estudos ibéricos', assim como as problemáticas derivadas, para chegar a pensar o 'ibérico' a partir das realidades periféricas ou até alheias, como as representadas pelas configurações regionais e insulares. Na sua proposta, desenvolvida principalmente com base no caso de Maiorca, propõe reexaminar este e outros quadros de trabalho a partir da ideia do novo defeito que contribuiria para explicar práticas culturais atuais, mediadas radicalmente pela globalização, e onde os contactos, a mistura ou o conflito se configuram como estruturantes. Finalmente, Joseba Gabilondo, da Michigan State University, assina um estudo onde afirma a falta de fundamentação teórica dos estudos ibéricos peninsulares e nega a validade das formulações sistémicas aplicadas à análise das culturas ibéricas, como consequência da ausência de uma 'razão ibérica' que justifique a criação de um campo científico próprio. Face a isto, a sua proposta para este âmbito passa pela perspectiva pós-imperialista e por uma leitura baseada em Jacques Lacan e Slavoj Žižek, exemplificada aqui com o caso basco e o que ele denomina como «discursos pornográficos do turismo terrorismo» projetados sobre esse contexto.

A segunda secção combina duas áreas de trabalho aparentemente distantes mas que surgem justapostas nalguns destes estudos: por um lado, as problemáticas em torno do estado e da nação (e os consequentes processos nacionalitários), e por outro, a abertura que podem representar os estudos de género e queer. Uma das questões que foram evidenciadas nas sessões do colóquio foi a continuidade da nação como categoria estruturante de muitos processos sociais (passados ou presentes) e, portanto, a sua atualidade como objeto de estudo. No entanto, Marcelo Topuzian introduz uma viragem nesta conceção e propõe pôr o foco no Estado, na sua qualidade de entidade de poder com capacidades de intervenção em termos materiais, simbólicos e ideológicos. A partir das desigualdades inerentes à conformação do Estado espanhol, o professor da Universidad de Buenos Aires argumenta sobre as potencialidades analíticas e epistemológicas no quadro dos estudos ibéricos de uma nova leitura problematizadora dos relacionamentos entre literatura e Estado. O capítulo assinado por Leslie J. Harkema parte igualmente da condição preponderante do referente espanhol para propor uma releitura dos estudos ibéricos onde a ideia do minoritário tenha uma posição central. Para isto,

a académica da Yale University reflete de forma paralela e interdependente sobre dois fenómenos (e os seus correspondentes analíticos) que podem contribuir para oferecer uma nova luz face a enfoques tradicionais: a escrita de autoria feminina (e os estudos feministas e de género) e a tradução (e o campo de estudo associado). Um outro formato e objeto habitualmente negligenciado nas abordagens literárias, a tradição oral, é o destino do olhar analítico de Sandra Boto. Mediante a focagem das tradições de estudo sobre o romancero tradicional no âmbito ibérico, a investigadora da Universidade do Algarve evidencia os enviesamentos que o critério nacional introduziu nas leituras e análises realizadas, contribuindo para a consolidação de uma posição dominante da tradição castelhana e para a ‘periferização’ do resto, o que não significa que estes mesmos modelos de análise não sejam reproduzidos também nas iniciativas desenvolvidas a partir destas outras realidades. Seguindo esta linha de denúncias das imposturas nos campos do saber e de novas possibilidades de análise, Antoni Maestre-Brotons, da Universitat d’Alacant, realiza uma crítica dos estudos catalães, particularmente os de âmbito ‘peninsular’, que considera estabelecidos num modelo filológico e argumenta sobre as potencialidades que a tradição de investigação dos estudos queer pode oferecer para reformular tanto o campo académico, como a compreensão da identidade catalã numa altura em que esta questão é chave pelos processos políticos em curso.

A terceira secção deste volume põe o foco nos espaços, fronteiras e mapas. No capítulo de que é responsável, o professor da Universidade da Coruña Isaac Lourido oferece chaves para ler os modos e tendências de relacionamento entre os sistemas literários no espaço ibérico. Mediante a abordagem de três casos particulares, selecionados com base num critério de ‘relevância sistémica’ (noção apresentada no capítulo), são expostas reflexões de carácter aplicado e teórico-metodológico sobre as hierarquias, assimetrias e mediações existentes, tanto dentro do quadro ibérico como em práticas que excedem este limite. Dando continuidade às análises sobre os contactos literários na Península Ibérica, Santiago Pérez Isasi e Catarina Sequeira Rodrigues expõem no seu trabalho os fundamentos do projeto *Mapa digital das relações literárias ibéricas (1870-1930)*. Através do estabelecimento de conexões com a viragem espacial, a tradição dos estudos ibéricos e as humanidades digitais, os investigadores do Centro de Estudos Comparatistas dão a conhecer os critérios fixados, as problemáticas enfrentadas e as escolhas realizadas para o desenvolvimento efetivo desta linha de investigação, cujos primeiros resultados são aqui apresentados. Por último, o estudo do professor da Universidad Complutense de Madrid Juan M. Ribera Llopis explora a possibilidade de ler a comunidade interliterária ibérica a partir de uma metáfora musical que incidiria em dimensões e perspetivas não suficientemente atendidas até agora. Assim, a ‘rede peninsular’ es-

taria marcada pela existência de múltiplos centros, quer dizer, uma polifonia literária, onde dominariam dinâmicas centrípetas ou centrífugas segundo o período histórico em consideração.

A secção que fecha o volume está dedicada aos fluxos transnacionais e com ela pretendemos incidir na qualidade porosa do limite (pragmaticamente) fixado em torno da Península Ibérica, com fenómenos ou referentes originários que a ultrapassam, outros externos que encontram também âncora aqui e, em definitivo, um fluxo constante de interações dentro e fora que é consubstancial às práticas sociais e culturais em toda a história e especialmente evidente no momento atual. Esther Gimeno Ugalde desenvolve no seu trabalho um mapeamento da situação dos estudos ibéricos como campo disciplinar dentro da academia estado-unidense. Recorrendo e dialogando com as principais fontes teóricas que definem esta nova área do saber, a investigadora da Universität Wien procura estabelecer as potencialidades, desafios e limites que os estudos ibéricos representam (ou podem representar) para os âmbitos de análise dedicados ao caso catalão, galego e basco, especialmente no relativo ao seu processo de internacionalização. O estudo assinado por Diego Rivadulla Costa apresenta um inovador quadro teórico-metodológico desenvolvido em anos recentes na área dos estudos culturais de memória e que pode vir a oferecer novas chaves para ler a intensa produção cultural sobre os processos ditatoriais no espaço ibérico, tal como o investigador da Universidade da Coruña demonstra ao aplicá-lo à narrativa galega contemporânea sobre a guerra civil e o franquismo. O derradeiro capítulo é da responsabilidade de Alfredo Martínez-Exposito, da University of Melbourne, que parte tanto das propostas da imagologia como dos desenvolvimentos recentes da teoria da marca-nação, para estudar o tratamento de Espanha nalguma da produção filmica catalã atual e colocar hipóteses sobre como os produtos culturais, e particularmente o cinema, participam em processos de construção nacional, de projeção internacional ou de formulação e reprodução de estereótipos culturais.

Julgamos que a síntese oferecida nos parágrafos anteriores demonstra a riqueza e multiplicidade dos conteúdos deste volume que, no geral, oferecem novas possibilidades de estudo e colocam desafios de trabalho a percorrer em próximas tentativas de análise. Dentro da variedade existente, queremos assinalar a vontade de nutrir teórica e metodologicamente os estudos ibéricos, assim como de integrar, dentro das perspetivas propostas, processos atuais, como os variados resultados e efeitos da globalização (e que até agora nem sempre foram atendidos pela sua proximidade e complexidade). Finalmente, outro dos pontos comuns manifestado em muitos destes textos é a integração explícita no âmbito da literatura comparada, o que nos lembra a configuração dos estudos ibéricos como uma nova oportunidade para repensar a realidade e potencialidades do comparatismo.

## Agradecimentos

Apesar da edição deste volume ter uma dupla assinatura, não podemos deixar de incidir na dimensão coletiva que levou à concretização desta publicação. Queremos, por isso, agradecer, em primeiro lugar, às entidades que possibilitaram a realização do colóquio internacional *Os estudos ibéricos a partir da periferia. Desafios epistemológicos e novos olhares nos estudos galegos, bascos e catalães*, concretamente ao Centro de Estudos Comparatistas (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa) e à Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Governo de Portugal), que apoiam também a publicação desta obra. Este evento científico não teria sido possível sem o trabalho e a generosidade de Ângela Fernandes, que integrou connosco a comissão organizadora. Agradecemos igualmente a colaboração nesta iniciativa de Raquel Lima, assim como das bolseiras e bolseiros que ajudaram ativamente para o bom decorrer das intensas sessões deste encontro.

A forma material desta obra é fruto da competência da equipa das Edizioni Ca' Foscari, a quem não podemos deixar de expressar a nossa gratidão, especialmente a Enric Bou, diretor da coleção «Biblioteca di *Rassegna iberistica*», e a Francesca Prevedello, que pacientemente acompanhou dia-a-dia o nosso trabalho. Agradecemos também a todas e todos os especialistas internacionais que colaboraram no processo de revisão anónima de cada um dos estudos aqui reunidos e que, com os seus comentários e sugestões, contribuíram para enriquecer o resultado final. Por último, não podemos deixar de referir a nossa satisfação e agradecimento às autoras e autores que participaram nesta iniciativa, tanto pela sua confiança no nosso trabalho, como pela sua disponibilidade para esclarecer dúvidas e realizar modificações nos seus textos. Esperamos que este volume seja do agrado e do interesse de todas e todos eles.

## Referências bibliográficas

- Bourdieu, Pierre (2001). *Science de la science et réflexivité*. Paris: Raisons d'agir.
- Cabo Aseguinolaza, Fernando; Abuín González, Anxo; Domínguez, César (eds) (2010). *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*, vol. 1. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins.
- Domínguez, César; Abuín González, Anxo; Sapega, Ellen (eds) (2016). *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*, vol. 2. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins.
- Pérez Isasi, Santiago (2019). «On the Polysemic Nature of Iberian Studies». *International Journal of Iberian Studies*, 32(1-2), 13-32.
- Resina, Joan Ramon (2009). *Del hispanismo a los estudios ibéricos. Una propuesta federativa para el ámbito cultural*. Madrid: Biblioteca Nueva.